



Realização:



Apoio:



XVII CIC  
X ENPOS

Conhecimento sem fronteiras  
XVII Congresso de Iniciação Científica  
X Encontro de Pós-Graduação  
11, 12, 13 e 14 de novembro de 2008

## A CASA DE VIDRO: NARRATIVA COM VISTA PARA DUAS HISTÓRIAS

**Autor(es):** AZEVEDO, Francesca Batista de; COLLARES, Paula Renata Lucas

**Apresentador:** Francesca Batista de Azevedo

**Orientador:** João Manuel dos Santos Cunha

**Revisor 1:** Nóris Eunice Wiener Pureza Duarte

**Revisor 2:** Luís Isaías Centeno do Amaral

**Instituição:** UFPEL

### Resumo:

No ensaio “A Casa de Vidro, uma alegoria”, Silviano Santiago abre duas janelas à leitura do conto A Casa de Vidro (1979), de Ivan Ângelo: a da história social e a da história literária. Pelo enquadramento da primeira, a epígrafe em português arcaico alude aos tempos coloniais em que condenados eram violentamente mortos publicamente no Pelourinho. Fato histórico que, lido conjuntamente com o projeto arquitetado para a construção da “casa de vidro” (em lugar de uma Central de Polícia), constitui uma amostra da evolução dos processos de repressão e controle da massa popular, bem como a mudança da própria linguagem e da forma de comunicação social. Santiago exemplifica: “existe um aperfeiçoamento do vidro dentro da própria narrativa, existe também um aperfeiçoamento do modo de narrar dentro da própria narrativa” (2004, p. 192). Assim, o texto cresce simbólica e formalmente nos aspectos lingüístico e discursivo ao mesmo tempo em que o engajamento político aflora, permitindo também uma reflexão sobre temas universais, como a liberdade, o uso estratégico das ideologias e a natureza da arte em relação aos métodos científicos.

A novela não é datada em tempo histórico determinado. No entanto, a narrativa traz elementos que permitem a aproximação da tirania narrada na ficção com aquela vivenciada na arbitrariedade da ditadura militar. A coação e a coerção parecem ser propriedades comuns aos regimes governamentais de exceção, seja na Casa de Vidro, na Itália idealizada por Maquiavel, ou nos interesses da Pátria e da Família brasileira, baluartes da chamada “revolução democrática”, a “Redentora”, de 1964. Entretanto, como pontua Santiago, o escritor insiste na “imobilidade do discurso histórico universal para dar conta da situação brasileira”. (2004, p.189). As intertextualidades narrativas estabelecem um conto de filiação literária, uma vez evocados os textos literários de Maquiavel, Kafka e Machado, como parte integrante da tessitura dialética da narrativa, na qualidade de paratextos. Se a História Universal atende de forma problemática à arqueologia dos fatos brasileiros, a arte literária, enquanto fato social e manifestação cultural e estética, acolhe melhor o discurso que consegue ser ao mesmo tempo uma alegoria e um dispositivo de reflexão ética, e, portanto, universal, em que a poética brinca com as restrições da linguagem e das relações sociais em tempos de repressão política.